

LÉXICO E SEMÂNTICA

Ó PAI Ó E OUTRAS PARTICULARIDADES DO LÉXICO BAIANO

Celina Márcia de Souza Abbade (UNEB e UCSAL)
celinabbade@gmail.com

APRESENTAÇÃO

A história de um povo sempre revela a história de sua formação linguística. Em outras palavras, podemos dizer que as questões políticas, econômicas e sociais que envolvem o surgimento de um povo, irão delinear o seu caminho linguístico. A língua é o seu mais fiel retrato social e cultural. Sabemos de onde é uma pessoa no momento em que ela começa a falar. E essa mesma língua que distingue as nações, distingue também condições sociais, culturais, regionais... Mesmo existindo uma unidade linguística, há diversidade nessa unidade no momento em que a língua é realizada nas mais divergentes situações, lugares ou épocas.

O português que herdamos dos europeus, é uma mistura de substratos e superstratos diversos. Em cada parte do nosso país, o português toma uma roupagem específica.

A língua portuguesa é uma língua românica que como tal tem o privilégio de conhecer a sua origem. Sabemos que o português é oriundo de um latim que foi falado e expandido a partir do Império Romano. Foram os romanos que levaram esse latim por diversas regiões até ele chegar ao Brasil, através dos portugueses, povos anteriormente romanizados.

No Brasil, o português se miscigenou com diversas outras línguas, e se expandiu por inúmeras regiões, deixando traços específicos e distintos em cada uma delas.

Esses traços e distinções vêm sendo estudados pelos cientistas da língua que percorrem diversas perspectivas para entender e explicar essas variações, assim como os traços conservadores da mesma. O presente artigo limita-se a abordar algumas variantes lexicais da região que foi o berço da formação da língua portuguesa brasileira: a Bahia, terra onde o Brasil começou o seu processo de colonização e expansão de uma cultura e língua neolatina.

Tentar-se-á demonstrar aqui, como o léxico de uma região revela traços característicos e específicos de um povo singular em uma pluralidade cultural brasileira.

O LATIM: ONDE TUDO COMEÇOU

Desde, pelo menos, o século VI a.C., tem-se conhecimento da existência da língua latina. As inscrições mais antigas em latim que se tem conhecimento, datam dessa época.

Há pelo menos dois milênios a.C., o latim era apenas uma das línguas itálicas faladas na Itália central. O latim era a língua da região conhecida como *Latium*, e Roma era uma das cidades dessa região. Inicialmente Roma foi governada por reis etruscos, mas, em 509 a.C., os romanos derrubaram os etruscos, Roma tornou-se uma república governada por cidadãos eleitos e começou a expandir sua influência na Itália. Mas ainda não foi nesse regime governamental que os romanos se tornariam os senhores absoluto das terras que envolviam o Mar Mediterrâneo.

Após muitos anos de guerra civil, Roma tornou-se um dos maiores impérios que a humanidade já teve conhecimento: o Império Romano que logo se estendeu por grande parte da Europa, norte da África e Oriente Médio. O Latim era usado em todo o império como língua oficial da lei, da administração e, cada vez mais, como a língua do dia-a-dia. A literatura era comum entre os cidadãos romanos e as obras de grandes autores latinos eram lidas por muitos.

No século V, inicia-se o declínio político e econômico desse império, mas mesmo após a queda do império romano ocidental em 476 d.C., o domínio cultural e linguístico se manteve e o latim continuou a ser utilizado como linguagem literária por toda a Europa central e ocidental. Uma quantidade enorme de literatura medieval em latim foi produzida nos mais diferentes estilos.

Durante o século XV, o latim começou a perder sua posição dominante na Europa como língua de estudiosos e religiosos. Foi amplamente substituído por versões escritas das línguas vernáculas europeias, muitas das quais eram descendentes ou haviam sido fortemente influenciadas pelo latim.

LÉXICO E SEMÂNTICA

Surgem as línguas românicas que nada mais são do que a extensão da língua latina em diversas regiões.

PORTUGUÊS: O LATIM EM EXPANSÃO

O português é uma língua de origem latina, logo, uma das línguas românicas. Sua formação se deve a inúmeros traços linguísticos deixados por um latim ibérico que se formou por volta de dois séculos a.C. quando os romanos desembarcaram na Península Ibérica e conquistaram essa região. A Península foi invadida por questões políticas e constituiu um dos episódios da Segunda Guerra Púnica. A romanização na Península Ibérica durou quase 200 anos, teve início em 218 a.C. e só terminou em 19 a.C. no governo de Augusto.

Com a conquista da Península Ibérica, o latim, que era a língua dos romanos, foi adotado por quase totalidade dos povos que habitavam a Península, com exceção dos vascos que não aceitaram o latim como língua e continuaram a falar a sua própria língua.

Na Península Ibérica, o português foi se formando juntamente com outras línguas originadas do latim hispânico como: o galego, castelhano, catalão etc. O século XVI é o marco das investidas marítimas em busca de novas terras. Na América, portugueses e espanhóis, principalmente, iniciavam suas conquistas com interesses políticos e econômicos. Mais uma vez a língua e a cultura desses povos penetravam nas regiões invadidas assim como os romanos haviam feito na Europa.

Em 1500 a história nos conta que desembarcaram em uma parte da América, portugueses para catequizarem os habitantes de uma terra que passaria por diversos nomes até se chamar Brasil.

E a língua portuguesa começou a se expandir a partir da atual Bahia, local onde os portugueses primeiramente desembarcaram. Salvador, em 1549, tornou-se a primeira capital brasileira. Todas as influências linguísticas que chegaram a nossas terras naquela época, passaram pela capital baiana.

Os indígenas, que aqui já se encontravam, tiveram a sua cultura e língua exterminadas em função da língua do povo vencedor. Não fosse a imposição portuguesa, talvez o rumo da nossa língua

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

vernácula tivesse sido o de uma das línguas indígenas. Colocadas à margem, as línguas indígenas que sobreviveram, ficaram restritas às pequenas comunidades espalhadas pela nação e continuam nessa situação até os dias atuais.

O negro que foi trazido da África para ser escravizado, chegou aqui em condições inferiores. Mas mesmo escravizado, trouxe em suas bagagens a língua, cultura e história de seu povo. Do século XVI ao XIX, os escravos vão deixando seus traços linguísticos na língua portuguesa, que era a língua de cultura das terras brasileiras, e que vai formando um vernáculo próprio e divergente do português europeu.

Além da presença marcante dos negros africanos e dos indígenas, outros povos chegaram às terras brasileiras como imigrantes, deixando também seus estratos na nossa língua pátria. O Brasil, outrora colônia portuguesa, se tornou nação independente, mas manteve o sistema linguístico dos colonizadores adotando-a como a língua oficial do país.

O português que falamos hoje, não é mais o que chegou de Portugal por inúmeros fatores que provocam a mudança linguística, até porque o português falado em Portugal atualmente, também não é mais o que chegou aqui no século XVI. Mas, sem adentrar nos fatores que geram as divergências linguísticas, o português falado no Brasil é repleto de distinções. Em cada pedacinho brasileiro, o português adquire características específicas e traços regionais que fazem dessa nossa língua uma diversidade fantástica, inserida em uma unidade milenar.

A Bahia não deveria ser diferente das outras regiões, mas parece que o falar baiano tem uma “ginga” própria. Nas terras em que Tomé de Souza governou, parece que o negro não deixou morrer as suas raízes, e seu povo é matizado de uma baianidade nagô, banta, iorubá etc. A cultura dos negros africanos, presente na Bahia em cada traço cultural, se mostra de forma marcante na língua desse povo. Os imigrantes que aqui chegaram também deixaram seus traços linguísticos. E dos indígenas, povos autóctones, os baianos não herdaram apenas o banho diário ou a dormida nas redes. A toponímia baiana está repleta de traços indígenas, e o acervo lexical, que chegou à língua portuguesa por nossos nativos, é muito vasto.

LÉXICO E SEMÂNTICA

Nessa mistura linguística, a língua portuguesa da Bahia, mas especificamente de Salvador, se torna uma língua exclusiva e própria de um povo, que como a sua língua, não sabe exatamente a sua origem devido a uma grande mistura de povos e raças. Mas, mesmo sem entender o povo vai utilizando a língua do jeito que vai aprendendo, acrescentando uma mudança aqui, uma variação acolá. Nas palavras do professor Coseriu, podemos confirmar esse fato:

E o ouvinte adota o que não sabe, o que o satisfaz esteticamente, o que lhe convém socialmente ou o que lhe serve funcionalmente. A adoção é, por isso, um ato de cultura, de gosto e de inteligência prática (Coseriu, 1979, p. 78).

OS ESTUDOS LEXICAIS NO FILME *Ó PAÍ Ó*

A linguagem faz parte da história do homem e esse fato é inegável e incontestável. Essa linguagem pode ser expressa por palavras e essas palavras irão constituir o sistema lexical de uma língua e, conseqüentemente, de um povo. Assim, estudar o léxico de uma língua é estudar também a história do povo que a fala.

Como exemplo, podemos citar um artigo em que abordamos os estudos lexicais:

Estudar o léxico de uma língua é enveredar pela história, costumes, hábitos e estrutura de um povo, partindo-se de suas lexias. É mergulhar na vida de um povo em um determinado período da história, através do seu léxico. Apesar de pouco estudado até então, o estudo lexical das línguas é deveras importante e necessário para desvendar os inúmeros segredos da nossa história social e linguística, segredos estes que podem ser desvendados pelo estudo e análise do léxico existente nessas línguas em momentos específicos da história de cada povo.

Língua, história e cultura caminham sempre de mãos dadas e para conhecermos cada um desses aspectos, faz-se necessário mergulhar nos outros, pois nenhum deles caminha sozinho e independente. Portanto, o estudo da língua de um povo, é conseqüentemente, um mergulho na história e cultura deste povo. (Abbate, 2006)

O estudo lexical de uma língua diz muito sobre o povo que a fala. As mudanças no léxico estão sempre relacionadas às mudanças políticas e culturais do povo que utiliza essas lexias.

Sabemos que o latim, desde quando começou a ser utilizado como língua de cultura, já era falado juntamente com inúmeras ou-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tras línguas, e desde a sua expansão na România vem sofrendo influências e interferências chegando ao ponto de hoje o próprio latim deixar de se chamar latim para multiplicar-se em inúmeras outras línguas. Hoje latim pode ser português, italiano, francês, espanhol, sardo etc. Vai depender da região em que esteja sendo falado.

Inúmeros povos influenciaram e deixaram substratos e superstratos no latim enquanto ele se expandia.

No século XV e, sobretudo desde o século XVI, o léxico românico vai experimentar uma nova expansão que está relacionada com os descobrimentos, através dos quais Portugal e Espanha se convertem em potências marítimas.

Para descrever os traços linguísticos baianos, poderíamos partir de diversos aspectos. Escolhemos aqui, realizar uma simples amostragem, partindo do levantamento lexical de um filme dirigido e produzido na Bahia, que retrata, no modo de falar do baiano, as características desse povo que mesmo sofrido, sabe encontrar uma maneira de ser feliz. Pelo menos é o que o baiano demonstra através de sua expressão facial, sempre sorridente e alegre.

Essa amostragem é a do filme *Ó pai ó*, dirigido por Monique Gardenberg, baiana nascida em Salvador. Esse filme é de certa forma, uma fotografia de uma das maiores manifestações culturais baiana: o carnaval. O filme narra os preparativos para o carnaval, festa que é o carro-chefe do turismo baiano. Nas cenas do filme, seus personagens revelam um pouco do falar próprio desse povo místico, mágico e cheio de axé.

O levantamento lexical das falas dos personagens de *Ó pai ó*, filme cujo título já é uma expressão tipicamente baiana, revela traços de uma cultura própria e muito marcada.

Na Bahia, qualquer criança que começa a falar, conhece a expressão que nomeou o filme. No entanto, ao estrear, o filme despertou curiosidades justamente pelo título cuja expressão é desconhecida das outras regiões brasileiras. Assim como *ó pai ó*, é uma lexia repleta de baianidade, outras lexias do falar desse povo se tornam visíveis em suas expressões culturais. Filmes, peças de teatro, músicas, propagandas etc., criados na Bahia, revelam as características de seu povo a partir de sua expressão artística.

LÉXICO E SEMÂNTICA

Observando que o falar baiano consegue retratar de forma impar os traços culturais do seu povo, o levantamento lexical de um filme produzido na Bahia, com direção e atores baianos, consegue demonstrar um pouco da diversidade cultural tão próxima da diversidade linguística baiana. Inicialmente, fez-se o levantamento das lexias especificamente baianas encontradas no filme. Em seguida, recorreu-se aos principais dicionários sincrônicos da língua portuguesa como Aurélio Ferreira (1986) e Antônio Houaiss (2001) para buscar o significado dessas lexias. Como a maioria das lexias levantadas ainda não está dicionarizada, pelo menos, não com o significado utilizado em terras baianas, fez necessário recorrer a algumas colocações empíricas. Por isso, algumas vezes partimos da observação semântica das falas dos personagens e da própria experiência de quem vos escreve, enquanto falante, por cerca de três décadas, para conceituar as lexias de acordo com seu significado baiano. É um estudo semântico sincrônico de uma variação linguística da língua que hoje chamamos de portuguesa, outrora língua latina, mas que nada mais é do que essa mistura que foi descrita anteriormente de forma sucinta.

Das lexias utilizadas no filme *Ó pai ó*, algumas delas mereceram o levantamento e estudo para se demonstrar um pouco sobre esse povo tão conhecido no mundo pelo seu carnaval, alto astral e sincronismo religioso e porque não dizer, linguístico.

Tudo começou com a expressão que nomeia o filme. *Ó pai, ó* que é uma expressão baiana que poderia ser definida como uma síncope de "olhe para isso aí, olhe". Mas, quem não é baiano, com certeza não acentuou o *paí*, pensando que o filme tratava-se de algo referente a pai, lexia bem mais próxima de "pai" do que "olhe para isso aí".

Vale lembrar que a linguagem é livre e sua mudança é tão inevitável quanto a mudança do ser humano. Mudamos a língua porque ela é viva, e, tudo que está vivo, está passível de modificações. Uma língua só deixa de se modificar quando ela deixa de ser falada. Nada é casual, mas a mudança é inevitável. Citando Engenio Coseriu, podemos concluir que:

A mudança linguística tem, efetivamente, uma causa eficiente, que é a liberdade linguística, e uma razão universal, que é a finalidade expressiva (e comunicativa) dos falantes. (Coseriu, 1979; p.175-176).

Talvez o baiano abuse dessa liberdade linguística que a sua formação cultural lhe proporcionou. Mas, os traços relaxados da língua, demonstram o estilo baiano de ser: calmo e sem pressa, afirmando a relação língua/sociedade/cultura/história. Portanto, “*fique na sua muzenza*”, que já vamos demonstrar algumas dessas lexias encontradas no filme *Ó paí ó*.

AS LEXIAS BAIANAS NO FILME *Ó PAÍ Ó*

As lexias estão enumeradas em ordem alfabética, seguidas de suas definições e exemplos retirados do filme que serviu como texto de base.

Botá uma ponta (exp.) – dar um dinheiro extra para convencer alguém de algo, subornar.

Ex.: “Prá eu rodar definitivamente com esse carro, eu vou ter que *botá uma ponta* na mão do cara”.

Caçar jegue na praia (exp.) – diz-se a alguém que está importunando para que este disperse. O mesmo que “procurar o que fazer”.

Ex.: “Esquece o Roque, Boca.”

“Vá *caçar jegue na praia!*”

Esculhambação (s.f.)- Estado de desordem, anarquia, confusão, bagunça.; aquilo que é desorganizado. Derivada de ‘esculhambar’, palavra de origem obscura, talvez tenha vindo de *colhão* ‘ficar com os colhões feridos de tanto cavalgar’.

Ex.: “Que *esculhambação* é essa com seu nome, Carmem?”

Fique na sua muzenza (exp.) Expressão baiana para mandar alguém esperar ou acalmar-se. Muzenza é uma lexia que no candomblé designa o filho ou a filha de santo. De origem banta, pode ter vindo de um quibundo *muzenza* ‘ignorante’ ou de um quicongo *muzenze* ‘pronto, preparado’.

Ex.: “Só não entendi porque você está metido nesse negócio de carrinho.”

LÉXICO E SEMÂNTICA

“*Fique na sua muzenza.*”

Fuleragem (s.f.) – algo ou alguém que não se mostra confiável. Do esp. *fullero* ‘pouco útil’.

Ex.: “Só aceitei fazer a porra desse serviço (...) porque estava precisando da porra da *fuleragem* da minha fantasia.”

Jegue de lavagem (exp.) - diz-se daquele ou daquela exageradamente arrumado(a), enfeitado.

Ex.: “Prá onde você vai assim, Carmem, parecendo um *jegue de lavagem* de tanto ajeitada?”

Massa (adj.) - muito bom ou especial, interessante, divertido, ótimo.

Ex.: “Modéstia parte, ficou *massa!*”

Muvuca – confusão, bagunça, farrá, festa; aglomeração ruidosa de pessoas em áreas públicas como forma de lazer. Palavra de origem banta ‘febre intermitente’

Ex.: “Que *muvuca* desgraçada é essa com meu nome?”

Ó paí ó (exp.) – veja o que está acontecendo, observe. Variante de *ó pá isso*, síncope da expressão ‘olhe para isso, olhe’.

Ex.: “Me pinte aqui pra Timbalada.”

“*Ó paí ó.*”

Retado (adj.) – tem diversas acepções: qualificador para pessoas ou coisas com atributos positivos; danado, agitado; muito grande, enorme; muito zangado, enfurecido. As duas últimas são tipicamente baianas. Etimologicamente vem de arreitar ‘estimular sexualmente’, do lat. *adrectare* ou *arrectare* ‘ficar excitado sexualmente’.

Ex.: “Maria, tô *retado* com essa mulher aqui de cima. Ela desligou a água de novo.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Léxico e cultura são inseparáveis. As palavras utilizadas por um povo, são o retrato cultural resgatado por esse povo ao longo dos tempos. Apesar do *corpus* limitado, pôde-se observar, a partir das lexi-as levantadas, que a Bahia tem ritmo próprio no seu falar e que a história da língua portuguesa baiana revela traços da história da ori-gem e formação do seu povo.

O objetivo maior aqui foi o de demonstrar a importância da língua no resgate do patrimônio histórico, cultural e social de um po-vo. E também o de ilustrar a criatividade baiana a partir do léxico utilizado no dia-a-dia de um povo mestiço na cor, na raça, nos hábi-tos, na religião, na cultura e na língua. Em uma terra em que o cris-tão toma banho de pipoca na segunda-feira para saldar Omolu e em que uma mãe de santo não perde a missa da sexta-feira na Igreja do Bonfim, não é de se surpreender que a língua receba uma mestiça-gem própria e característica do povo que se formou em terras baianas.

REFERÊNCIAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. *Campos lexicais no Livro de Cozinha da Infanta D. Maria*. Tese de Doutorado. UFBA. Salva-dor, 2003.

ABBADE, Celina Márcia de Souza. O Estudo do Léxico. **In:** *Dife-rentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, 2006, p. 213-225.

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Ed. bras., novamente rev., atual. e aum. Rio de Janeiro: Delta, 1958. 5 vol.

BORBA, Francisco S. *Dicionário dos usos do português do Brasil*. São Paulo: ABDR, 2002.

COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janei-ro: Presença, 1979.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da lín-gua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LÉXICO E SEMÂNTICA

FIGUEIREDO, Cândido. *Dicionário da língua portuguesa*. 14ª ed. Amadora: Bertraud, 1973, 2 vol.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos vocábulos estudados*. 2ª ed. Lisboa: Confluência, 1967.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 1ª ed. Pref. de W. Meyer-Lubke. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932.

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. Fac. símile da 2ª ed. (1813). Sob a dir. de Laudelino Freire. Rio de Janeiro: Litho-Typographia Fluminense, 1922.

VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de. *Elucidário das palavras, termos e frases...* Ed. crítica baseada nos manuscritos e originais de Viterbo por Mário Fiúza. Lisboa: Civilização, 1966, 2 vol. il.